

Dedico esse trabalho a todos os jovens progressistas e de esquerda dos longos anos 1960, que muitas vezes deixaram suas zonas de conforto em prol de construir um mundo melhor. À minha madrinha Adelaide, representante dessa geração de jovens progressistas.

## **Agradecimentos**

A toda a equipe de funcionários do departamento de História da PUC-Rio, por sua ajuda e apoio. A meus pais e minha madrinha pelo incentivo. A meus colegas do departamento de História pelas angústias compartilhadas. A Maisa, minha orientadora querida, pela paciência, compreensão e por ser uma inspiração. A Deus pela força.

## **Sumário:**

<b>Introdução .....</b>	<b>4</b>
<b>1. A ruptura das esquerdas norte-americanas nos longos anos 1960: o conflito entre a LID e o SDS .....</b>	<b>7</b>
<b>2. O espírito da nova esquerda do SDS personificado na figura de Tom Hayden .....</b>	<b>20</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>37</b>
<b>Bibliografia e Fontes .....</b>	<b>39</b>

## Introdução

A eleição de Franklin D. Roosevelt à presidência dos EUA foi a resposta de uma população desesperada por uma solução para o alto nível de desemprego e miséria causados pela crise de 1929. Ao longo dos anos que ocupou a Casa Branca – o que fez por mais de uma década – conseguiu com suas políticas do *New Deal* melhorar a economia e apaziguar muitos problemas sociais estadunidenses resultados pela quebra da bolsa de Nova Iorque. Porém o que gerou o grande desenvolvimento da economia norte-americana a partir de meados da década de 1940 – que durou até a década de 1970 – foi o crescimento de produção industrial e de mercado resultados da Segunda Grande Guerra.

Nesse contexto econômico a sociedade estadunidense viveu um período de afluência a partir de meados da década de 1940. No imaginário popular a década de 1950 nos Estados Unidos é o retrato da sociedade afluenta do pós-guerra, segundo a qual a população de classe média vivia em belas casas com jardins em subúrbios norte-americanos com carros na garagem. Esse cenário, que podia gerar alienação, acabou gerando inconformismo com a monotonia das vidas suburbanas. Esse sentimento gerou a rebeldia e a contestação dos longos anos 1960 – período que ficou marcado no imaginário popular pelo dissenso.

Os movimentos de esquerda norte-americanos entre as décadas de 1930 e 1950 passaram por momentos díspares. De inícios da década de 1930 até meados da década de 1940, durante o governo de Franklin D. Roosevelt, as esquerdas do espectro político ficaram em posição de certa forma privilegiada, pois as medidas do *New Deal* atendiam algumas reivindicações históricas deste campo. Com o fim da Segunda Guerra e o começo da Guerra Fria o cenário se inverte e qualquer pensamento progressista ou pessoa vinculada às esquerdas passam a ser vistas com hostilidade nos Estados Unidos. O mccarthyismo foi o auge dessa postura hostil com relação às esquerdas.

As pessoas e grupos de esquerda que viveram essas décadas tiveram suas formas de pensar o mundo e militar moldadas pelas experiências adquiridas nesse período de aproximadamente duas décadas. No presente trabalho considerarei parte da velha esquerda os grupos e pessoas à esquerda do espectro político que tiveram suas experiências marcadas pela época que vai da década de 1930 a meados da década 1950, principalmente pela hostilidade às esquerdas do período do mccarthyismo. Partindo dessa

ideia de velha esquerda, a *League for Industrial Democracy* (LID) é considerada uma organização componente desta geração das esquerdas.

A partir dos longos anos 1960 – conceito que me apropriou de Malcolm Bradbury<sup>1</sup> - o ambiente social e político estadunidense muda e inicia-se um período voltado para as esquerdas, para a transformação da sociedade por um viés progressista, para a contestação, para o dissenso e para a juventude. Diversos jovens criados durante o período de afluência da sociedade estadunidense do pós-guerra começaram a lotar as universidades. Os negros exigiam cidadania plena e o fim das políticas de segregação nos estados do Sul do país. A eleição de John F. Kennedy e seu programa da “Nova Fronteira” e a presidência de Lyndon B. Johnson e seu plano da “Grande Sociedade” – ambos projetos que visavam combater as desigualdades e a pobreza - marcam a ascensão dos longos anos 1960 na política institucional norte-americana.

Vários movimentos à esquerda do espectro político surgiram e pessoas com pensamentos progressistas foram formadas intelectualmente no contexto dos longos anos 1960 – a maioria desses indivíduos vinculados às esquerdas eram jovens universitários de classe média. Considerarei esses grupos e pessoas que ascenderam no cenário das esquerdas durante os longos anos 1960 componentes da nova esquerda. Os grupos da nova geração das esquerdas surgiram algumas vezes no interior das intuições da antiga geração esquerdista, a partir de embates de certos membros com as lideranças das organizações da velha esquerda. Nesse caso, o *Students for a Democratic Society* (SDS) e Tom Hayden, um dos fundadores e principal redator do Manifesto de Port Huron – documento que era o principal pilar do grupo em seus primeiros anos de existência -, compõem a nova esquerda.

Partindo dessas ideias demonstrarei que houve um embate entre duas gerações das esquerdas; a antiga geração representada pela velha esquerda da qual a LID fazia parte, e a nova geração representada pela nova esquerda da qual o SDS e Tom Hayden eram representantes. Observarei também a natureza desse embate. Esse conflito se revelou principalmente a partir do encontro de Port Huron quando o rascunho do que viria a ser o Manifesto de Port Huron começou a ser discutido. Para dar conta destas tarefas analisarei a ruptura entre a LID e sua então vertente estudantil; o SDS – fato que teve

---

<sup>1</sup> BRADBURY, Malcolm. TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos Estudos Americanos*, Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1981.

como ponto culminante o encontro de Port Huron, evento no qual se deu a fundação oficial do grupo da nova esquerda. Este trabalho focará basicamente nas diferenças entre a velha esquerda da LID e a nova esquerda do SDS que se revelaram em torno do embate entre as duas vertentes a partir do encontro de Port Huron em 1962, e levaram à ruptura definitiva entre as duas organizações em 1965, de modo a analisar a natureza do conflito que se manifestou nesse momento.

Utilizarei como fonte de época o Manifesto de Port Huron<sup>2</sup> – o principal documento do SDS. As memórias de Tom Hayden expressas em seu livro *Reunion: a memoir*<sup>3</sup> serão outros escritos utilizados como fonte. As memórias de Irving Howe – componente da velha esquerda – transcritas por Rodrigo Farias de Souza em seu livro *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*<sup>4</sup> também serão utilizadas como fonte neste trabalho.

A figura de Tom Hayden será observada como uma personificação da nova esquerda do SDS. Ele foi escolhido entre outras personagens importantes da nova esquerda do SDS por sua notoriedade como um dos líderes do grupo, que posteriormente aos longos anos 1960 inclusive fez carreira na política representativa institucional estadunidense - tendo sido deputado estadual e senador pela Califórnia -, e ter deixado uma vasta obra literária. A história dessa personagem se confunde com a do SDS em seus primeiros anos de existência, e de certa maneira se confunde com a trajetória da nova esquerda em geral. Sendo o autor exemplo de uma geração das esquerdas.

Trabalharei também com a ideia de dialética entre tendências aristocráticas e tendências democratizantes elaborada por Noam Chomsky em sua obra *Requiem for the American Dream*<sup>5</sup>. Aplicando a ideia do autor ao embate entre a velha esquerda representada pela LID e a nova geração das esquerdas representada pelo SDS.

---

<sup>2</sup> HAYDEN, Tom et al. *The Port Huron Statement: The Visionary Call of the 1960s Revolution*, Thunder's Mouth Press, Nova Iorque, 2005.

<sup>3</sup> HAYDEN, Tom. *Reunion: a memoir*, Random House, Nova Iorque, 1988.

<sup>4</sup> SOUSA, Rodrigo Farias. *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*, FGV, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>5</sup> CHOMSKY, Noam. *Requiem for the American Dream: the 10 principles of concentration of wealth & power*. Nova Iorque, Seven Stories Press, 2017.

# A ruptura das esquerdas norte-americanas nos longos anos 1960: o conflito entre a LID e o SDS

## Contexto das esquerdas nos EUA (décadas de 1930-1950)

As esquerdas norte-americanas tiveram seu ápice da década de 1930 ao fim da Segunda Grande Guerra em 1945. Com a ascensão de Roosevelt à presidência dos Estados Unidos, a maioria dos sindicatos e movimentos à esquerda do espectro político tiveram papel central na elaboração de políticas públicas, tendo os sindicatos e outros movimentos trabalhistas, de certa forma, ajudado a formular as políticas do *New Deal*.<sup>6</sup>

A ascensão da Guerra Fria no cenário político global representou o início de uma paranoia constante com relação ao que podia perturbar a ordem interna dos modelos econômicos vigentes, no caso o capitalismo e o socialismo.<sup>7</sup> Com o fim da Segunda Guerra e o início da Guerra Fria o campo da esquerda começou a viver sob constante vigilância e desconfiança por parte das forças do Estado e de uma grande parte da sociedade norte-americana, pois eram vistos como inimigos internos que estavam a serviço de Moscou. Esse momento teve como maior símbolo o movimento de perseguição a pessoas de esquerda que atingiu praticamente todos os âmbitos da sociedade norte-americana, o qual foi apelidado pelo nome de seu maior representante, o senador do estado do Wisconsin Joseph McCarthy e provocou demissões em massa, arruinando carreiras, processo conhecido como mccarthyismo, posto em prática entre finais da década de 1940 e início de 1950. Passou a ser comum nos EUA a associação entre qualquer tipo de linha política de esquerda e o “comunismo” – expressão que consistia

---

<sup>6</sup> LIMONCIC, Flávio. *Os Inventores do New Deal. Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930*, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

<sup>7</sup> Sobre a Guerra Fria ver: DOBBS, Michael. *Seis Meses em 1945: Roosevelt, Stálin, Churchill e Truman da Segunda Guerra à Guerra Fria*, Companhia das Letras, São Paulo, 2012; GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005; VIZENTINI, Paulo F. “A Guerra Fria”, in: REIS, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste. (org.) *O Século XX: O Tempo das Crises*, vol. 2, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000, pp. 195-225.

basicamente no modelo político-econômico soviético stalinista e o autoritarismo a ele vinculado. Essa história moldou bastante a forma com que as organizações e indivíduos de esquerda passaram a agir daquele momento em diante – os membros do que vou chamar de velha esquerda estavam fortemente marcados e influenciados por essa conjuntura.

Além disso, a esquerda estadunidense estava fortemente composta e marcada em meados do século XX pela corrente marxista trotskista, que também costumava associar o regime soviético ao autoritarismo ditatorial stalinista, portanto também possuíam uma visão bastante negativa com relação à União Soviética. Todos esses fatores levaram a ampla maioria da velha esquerda a adotar uma postura de negação de qualquer semelhança e proximidade com a URSS e, conseqüentemente, com seu maior representante no país, o *Communist Party of the United States of America* (CPUSA). A *American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations* (AFL-CIO) e a *League for Industrial Democracy* (LID) são alguns grupos considerados por mim componentes da velha esquerda.

## **Os longos anos 1960**

A partir dos longos anos 1960, os mundos do trabalho passavam por profundas mudanças estruturais. O trabalho rural diminuía cada vez mais – diminuindo a quantidade de pessoas que habitavam áreas rurais -, enquanto havia a sensação que o número de profissionais do setor industrial se estagnava, ou retrocedia em algumas regiões devido à automação crescente, e a porcentagem da população que ganhava a vida no setor de serviços crescia. Sendo os últimos setores citados basicamente urbanos, o número de indivíduos habitando as áreas urbanas do planeta se tornou maior que o número dos que habitavam regiões rurais.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> HOBBSAWM, Eric. *The Age of Extremes: A History of the World (1914-1991)*, Vintage Books, Nova Iorque, caps. 10-11, pp. 287-343, 1996.

Os longos anos 1960 - época de contestação, rebeldia e dissenso que se estendeu por toda a década de 1960, até meados da década de 1970 - ficaram marcados pela ascensão dos jovens como grupo social de protagonismo político em praticamente todo o mundo. Esse grupo como categoria, devido à certas características específicas, provocou mudanças significativas em praticamente todas as esferas da sociedade. Naquele período muitos países viviam um boom da população jovem, o que propiciou a entrada massiva de jovens nos espaços públicos e ascensão destes como protagonistas sociais e culturais. Entrada essa que gerou um período de contestação à ordem estabelecida, levando à conflitos geracionais em várias instituições<sup>9</sup>.

“Os anos 1960 americanos não foram *uniformemente* rebeldes, mais que os anos 1950 foram *uniformemente* conservadores ou os anos 1970 *uniformemente* quiescentes. Mesmo se as décadas, como os séculos, pudessem ser consideradas como começando com algum atraso, de modo que pudéssemos datar os anos 1960 “reais” de, digamos, 1964 a 1974, nem assim os contrastes convencionais funcionariam perfeitamente. [...] Assim, “os anos 1960” é menos uma expressão para o estado da nação do que uma expressão-guia para um estado mental – radical, voltado para a juventude, contracultural, de fácil condução, comprometido com as atitudes da nova esquerda, direitos da minoria, consciência negra, drogas, experiência psicodélica, protesto e dissensão.<sup>10</sup>

O conceito de longos anos 1960 de Malcolm Bradbury consiste na ideia de que esta temporada não foi um período demarcado estritamente pelos dez anos do calendário gregoriano, mas um período de tendência contestatória e rebelde que começou ainda na década de 1950 e vai até meados da década de 1970. Quando me referir aos longos anos 1960 estarei fazendo menção ao conceito elaborado dessa maneira.

---

<sup>9</sup> BRADBURY, Malcolm. TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos Estudos Americanos*, Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1981.

<sup>10</sup> Op. Cit. p. 335.

## As esquerdas no contexto dos longos anos 1960

Os longos anos 1960 marcaram também uma mudança profunda na composição e na maneira que as esquerdas viam o mundo e se organizavam. Isso se deu principalmente por causa da renovação social protagonizada pelas novas gerações, que eram ao mesmo tempo frutos e símbolos de seu tempo – tempos estes que estavam *changing*, como cantou Bob Dylan<sup>11</sup>. Surge a nova esquerda, contestando diversos aspectos das antigas organizações esquerdistas já estabelecidas no cenário político-social dos Estados Unidos. Ela consiste nos diversos grupos à esquerda do espectro político que surgiram nos longos anos 1960, normalmente marcados pela forte presença de jovens estudantes, principalmente universitários, e de classe média.

Uma parcela da juventude universitária norte-americana, majoritariamente branca de classe média, teve suas primeiras experiências de militância política ao lado do movimento anti-segregacionista pelos direitos civis dos negros nos estados sulistas do território estadunidense – movimento este majoritariamente organizado então pelo *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP) e pelo *Students Nonviolent Coordinating Committee* (SNCC). Desde meados da década de 1950 o movimento pelos direitos civis estava tendo como protagonista maior o carismático pastor negro Martin Luther King Jr. À medida que a luta foi ganhando força e visibilidade, foram se organizando expedições de cidadãos brancos nortistas – atividade realizada basicamente pelo *Northern Student Movement* (NSM), grupo irmão do NAACP e do SNCC nos estados do Norte - para irem fazer o registro eleitoral de negros nos estados do Sul – essas expedições foram chamadas de *freedom rides*, e quem delas participava *freedom riders*. Sendo espancados e respirando gás lacrimogêneo nos estados segregacionistas durante os primeiros anos da década de 1960, muitos *freedom riders* levaram consigo as lições políticas aprendidas no Sul e continuaram na militância de esquerda.

As universidades do país inteiro ferviam com uma quantidade de estudantes como não se havia visto antes. Esses estudantes ansiavam para participarem do processo

---

<sup>11</sup> Bob Dylan, *The Times They are a changing*.

decisório social e institucional. Nesse cenário, um grupo de jovens tenta se articular para revitalizar a ala estudantil da LID – uma antiga organização progressista que concentrava vários personagens históricos das esquerdas norte-americanas, desde líderes sindicais à acadêmicos de esquerda. O estado de Michigan, mais especificamente a Universidade de Michigan, é o local onde ocorrem as primeiras articulações que dariam origem ao *Students for a Democratic Society* (SDS), a princípio uma ala estudantil da LID, no começo da década de 1960. **“WE ARE PEOLPE OF THIS GENERATION, BRED IN AT LEAST** modest confort, housed now in universities, looking uncomfortably to the world we inherit.”<sup>12</sup> O SDS seria fundado oficialmente em meados de 1962, num encontro estudantil na cidade de Port Huron, também no estado de Michigan - cidade essa que deu nome ao manifesto de fundação do grupo; o Manifesto de Port Huron. Esses jovens que comporiam o SDS - um dos grupos do que costumamos chamar de nova esquerda – eram em maioria, brancos, de classe média e divergiam dos seus pares da velha esquerda – indivíduos já consagrados na esfera das esquerdas - em algumas questões.

“The New Left [...] was indeed abandoning the belief that the American working class would someday “bring to birth a new world form the ashes of the old,” [...] millions of American wage earners were living in a society far superior to the one their parents and grandparents had known: they enjoyed the highest incomes and most secure jobs in history, thanks to the postwar boom, the GI bill, and strong, no longer radical, unions [...] New Leftists certainly wanted to abolish poverty and encourage workers to join unions, but neither was a primary concern. Instead, many replaced the old struggle against material deprivation with alarm that, for Americans of all classes, a fixation on acquiring more and more had become a kind of self-oppression: it numbed individuals to boring jobs and unhappy marriages and despoiled the natural landscape. The endless

---

<sup>12</sup> HAYDEN, Tom et al. *The Port Huron Statement: The Visionary Call of the 1960s Revolution*, Thunder’s Mouth Press, Nova Iorque, 2005, p 45.

pursuit of plenty also kept the power elite in firm control at home and allowed it to exploit peasants and workers in the Third World.”<sup>13</sup>

Uma das questões de discordância entre as duas gerações das esquerdas era a importância que devia ser dada aos sindicatos e organizações trabalhistas. No trecho transcrito, Michael Kazin faz um bom panorama das principais crenças da nova esquerda norte-americana. Como aponta o autor, os jovens da nova esquerda viam a importância das organizações sindicais e gostariam que os trabalhadores fizessem parte de sindicatos, mas discordavam da velha esquerda ao pensarem que as associações trabalhistas não necessariamente seriam protagonistas dos movimentos de esquerda ou promoveriam uma transformação social mais profunda.

“[...] what of organized labor, the historic institutional representative of the exploited, the presumed “countervailing power” against the excesses of Big Business? The contemporary social assault on the labor movement is of crises proportions. [...] the labor crises can be measured in several ways. First, the high expectations of the newborn AFL-CIO of 30 million members by 1965 are suffering a reverse unimaginable five years ago. The demise of the dream of “organizing the organized” is dramatically reflected in the AFL-CIO decision, just two years after its creation, to slash its organizing staff in half. From 15 million members when the AFL and CIO merged, the total has slipped to 13.5 million. [...] Today only 40 percent of all non-agricultural workers are protected by any form of organization. Second, organizing conditions are going to worsen. Where labor now is strongest – in industries – automation is leading to an attrition of available work. As the number of jobs dwindles, so does the labor power of bargaining, since management can handle a strike in an automated plant more easily than the older mass-operated ones. [...] Today labor remains the most liberal “mainstream” institution – but

---

<sup>13</sup> KAZIN, Michael. *American Dreamers: How the Left Changed a Nation*, Vintage Books, Nova Iorque, 2011, pp. 214-215.

often its liberalism represents vestigial commitments, self-interestedness, unradicalism. In some measure labor has succumbed to institutionalization, its social idealism waning the tendencies of bureaucracy, materialism, business ethics. [...] tensions [...] keep alive the possibilities for a more militant unionism. Too there are seeds of rebirth in the “organizational crises” itself: the technologically unemployed, the unorganized white collar men and women, the migrants and farm workers, the unprotected Negroes, the poor, all of whom are isolated now from the power structure of the economy, but who are the potential base for a broader and more forceful unionism.”<sup>14</sup>

No manifesto de Port Huron - que se tornou um dos maiores símbolos da nova esquerda -, os jovens fundadores do movimento estudantil assumem um tom crítico aos sindicatos. Como pode-se notar pelo trecho citado acima, os jovens neo-esquerdistas do então nascente SDS, apesar de criticarem o que eles chamavam de burocratização das organizações sindicais tradicionais e o abandono por parte destas de suas bases – os operários trabalhadores das indústrias, ou “chão de fábrica” -, continuam partindo do princípio que os sindicatos são primordiais para à construção da sociedade que eles gostariam que os Estados Unidos fossem. Outra crítica feita pelos *SDSers*, de maneira bastante direta à *American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations* (AFL-CIO) – a priori duas das maiores organizações sindicais dos EUA, que se fundiram tornando-se uma só – é o fato que os primeiros viam como importância em demasia que a tradicional organização sindical dava ao proletariado industrial, concentrando praticamente apenas nele o foco de seus esforços organizacionais.

Como sugerido na frase final do trecho transcrito do manifesto, o SDS pensava ser também de extrema importância organizar as classes e frações de classes à parte das indústrias, já que, segundo sua percepção, o proletariado industrial – tão valorizado pela velha esquerda como protagonistas dos movimentos progressistas – tendiam a perder cada vez mais postos de trabalho para as máquinas e, em consequência desse mesmo processo de automação, perderiam espaço e influência político-social para os indivíduos

---

<sup>14</sup> HAYDEN, Tom et al. *The Port Huron Statement: The Visionary Call of the 1960s Revolution*, Thunder’s Mouth Press, Nova Iorque, 2005, pp. 82-85.

desempregados ou subempregados – o chamado lumpemproletariado pela corrente filosófica marxista clássica. “Automation is destroying whole categories of work [...] in blue-collar service and even middle management occupations.”<sup>15</sup> Dessa forma, segundo a perspectiva dos jovens, o proletariado industrial teria cada vez menos poder de barganha e capacidade para realizar mudanças estruturais na sociedade, enquanto os desempregados e subempregados adquiririam mais poder e condições de realizar as transformações sociais necessárias. A necessidade de maior inclusão de todos os grupos sociais no processo democrático também se dava por causa do princípio do SDS de “Democracia Participativa” – que consiste no pensamento de que todos devem, tanto quanto possível, se auto representar politicamente de maneira direta no sistema democrático.

Uma amostra desse comprometimento do SDS com as classes e frações de classe à parte das indústrias é o projeto desenvolvido pelo grupo chamado *Economic Research and action Project* (ERAP) <sup>16</sup>. A princípio houve um debate entre os membros do SDS sobre a natureza desse projeto, se ele não distorceria o foco do grupo – que originalmente é organização e educação política estudantil nas universidades - e consumiria demasiada proporção das poucas verbas que a organização recebia de outros movimentos com mais condições financeiras. Por fim acabou vencendo a ideia de que o ERAP devia ser um projeto inserido em comunidades pobres e que visasse tentar organizar politicamente as mesmas.

Outro ponto de divergência entre a velha esquerda da LID e os jovens do SDS era a questão do anticomunismo. A velha esquerda – a LID incluída - havia sido formada em peso sob o contexto da Guerra Fria e do McCarthyismo, na qual qualquer vínculo com a URSS era visto como perigoso, e sob forte influência da fração trotskista do pensamento marxista, que fazia oposição e por isso foi perseguida pelo Regime Stalinista Soviético e seus partidários. Devido a isso os movimentos da velha esquerda buscavam sempre reafirmar sua oposição ao Kremlin e sua política, de maneira que faziam questão de se declararem “anticomunistas”, com o intuito de se mostrarem em oposição ao sistema comunista soviético. A Nova Esquerda do SDS, por sua vez, se negava a ser

---

<sup>15</sup> HAYDEN, Tom et al. Op. Cit. p. 80

<sup>16</sup> Sobre o ERAP ver: FROST, Jennifer. *An Interracial Movement of the Poor: Community Organizing and the New Left in the 1960s*, New York University Press, Nova Iorque, 2001.

anticomunista. Ao contrário da velha esquerda, a nova esquerda não via de maneira positiva a ideia de anticomunismo – tida como intransigente.

Os jovens do SDS demonstram no Manifesto de Port Huron a opinião que a reafirmação do anticomunismo prejudica a democracia - pois faz com que as pessoas sintam receio de expressarem seus pensamentos livremente, com medo de serem taxadas de “comunistas”. Além disso, consideravam o discurso anticomunista, ao mesmo tempo fruto e forma de aprofundar o sentimento de paranoia mccarthyista da Guerra Fria. Consideravam o anticomunismo negativo, por essas distintas questões, às instituições democráticas. No trecho do Manifesto de Port Huron transcrito abaixo, os *SDSers*, ao criticarem o anticomunismo, acabam fazendo uma crítica também à velha esquerda, da qual a LID e a AFL-CIO faziam parte. Ao realizarem essa crítica passam a impressão de considerarem a velha esquerda portadora e transmissora acrítica de uma ideia que pensam ser danosa para a democracia estadunidense, gerando a sensação que a velha esquerda toma atitudes conservadoras e talvez até antidemocráticas devido à necessidade de se demonstrar anticomunista.

**“AN UNREASONING ANTI-COMMUNISM HAS BECOME A MAJOR** social problem for those who want to construct a more democratic America. McCarthyism and other forms of exaggerated and conservative anti-communism seriously weaken democratic institutions and spawn movements contrary to the interests of freedoms and peace. [...] Militaristic policies are easily “sold” to a public fearful of a demonic enemy. [...] Even many liberals and socialists share static and repetitious participation in the anti-communist crusade and often discourage tentative, inquiring discussion about “the Russian question” within their ranks [...].

Thus much of the american anti-communism takes on the characteristic of paranoia. Not only does it lead to the perversion of democracy and to the political stagnation of a warfare society, but it also has the unintended consequence of preventing an honest and effective approach to the issues.”<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> HAYDEN, Tom et al. Op. Cit. pp. 103-104.

A velha esquerda, por sua vez, analisava com preocupação as críticas feitas pelo SDS. Pois sentia um certo desdém por parte dos jovens pela democracia norte-americana. E associavam isso a um pensamento totalitarista, que associavam diretamente ao que percebiam como a periculosidade da lógica stalinista.

“[...] eles começaram a comparar esta “democracia participativa” [a qual o SDS defendia como máxima a ser alcançada] com a democracia representativa em que vivíamos, como se de algum modo elas fossem contrárias. Isso soou parecido demais com a inconsequência de nossa juventude, quando os stalinistas e mesmo alguns socialistas costumavam desdenhar a “mera” democracia burguesa.”<sup>18</sup>

A questão que a velha esquerda chamava de simpatia nutrida pela geração mais nova com relação à Cuba e seu respectivo líder, Fidel Castro, era outro ponto de preocupação para a geração mais velha. As memórias de Irving Howe, editor da revista *dissent* - tradicional entre as esquerdas norte-americanas -, militante esquerdista da antiga geração e próximo à Michael Harrington, revela que a velha esquerda via com mal olhos o que chamavam de “disposição do pessoal do SDS para desculpar a falta de liberdade em Cuba, um país que lhes parecia o lar de um comunismo melhor ou mais glamouroso.”<sup>19</sup>

Ao passo que se negavam a serem anticomunistas, os membros do SDS também se opunham à política externa promovida por Washington de isolamento econômico-comercial dos países vistos como inimigos dos Estados Unidos – naquele momento histórico consistindo basicamente nas nações do opositor bloco socialista. Eles viam essa política como negativa por ir contra o que acreditavam que fossem os valores americanos de democracia ampla e participativa, e acharem que isso apenas levaria ao aumento no

---

<sup>18</sup> HOWE, Irving. Apud: SOUSA, Rodrigo Farias. *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*, FGV, Rio de Janeiro, 2009, p. 116.

<sup>19</sup> HOWE, Irving. Op. Cit. p. 116.

número de países pobres do chamado terceiro mundo que viveriam insurreições violentas e autoritárias que se aliarão à União Soviética. Fazendo essa crítica à política externa estadunidense, deixam implícito que a acham hipócrita e acabam associando esta à política externa imperial-colonialista empregada pelos países ocidentais entre finais do século XIX e início do século XX.

“[...] We should reverse the trend of aiding corrupt anti-communist regimes. To support dictators like Diem while trying to destroy ones like Castro will only enforce international cynism about American “principle”, and is bound to lead to even more authoritarian revolutions, especially in Latin America where we did not even consider foreign aid until Castro had challenged [sic] the status quo. [...] To fight communism by capitalism in the newly-developing areas is to fundamentally misunderstand the international hatred of imperialism and colonialism and to confuse the needs of 19th century industrial America with those of contemporary nations.”<sup>20</sup>

Essa outra crítica apresentada pelos *SDSers*, sob o ponto de vista da velha esquerda, pode ter sido interpretada como mais um exemplo que a nova geração flertava perigosamente com o totalitarismo e o autoritarismo soviético. Já que sugere uma aproximação com governos não necessariamente anticomunistas e até com regimes comunistas. Os membros da LID devem ter ficado tensos ao ler o trecho transcrito acima, no qual são citados por nome as figuras de Fidel Castro, de uma forma não tão negativa, e de Diem – presidente do Vietnã do Sul e adepto do capitalismo –, como um ditador. Todos esses conflitos entre a LID e o SDS terminaram com a ruptura definitiva entre as duas organizações em 1965<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> HAYDEN, Tom et al. Op. Cit. pp. 129-130.

<sup>21</sup> SOUSA, Rodrigo Farias. Op. Cit. p. 220.

## **Tendências democratizantes X tendências aristocráticas**

Noam Chomsky revela no livro *Requiem for the American Dream*<sup>22</sup> que vê a história dos EUA como permeada pela dialética entre tendências democratizantes e tendências aristocráticas. Para o autor os longos anos 1960 foram um período no qual tendências democratizantes prevaleceram. Segundo essa teoria as tendências democratizantes consistem nos movimentos e ações de luta pela ampliação da democracia, de maneira a garantir justiça de direitos à um maior número de pessoas, e a inclusão da maior parte possível de indivíduos no processo democrático de cidadania. Enquanto as tendências aristocráticas consistem nos movimentos e ações que visam a limitação de direitos e de inclusão de indivíduos no processo democrático de cidadania.

Tendo como base a teoria elaborada por Noam Chomsky – atribuída pelo mesmo à Thomas Jefferson – sugiro a seguinte hipótese: analisar o conflito entre a nova e a velha esquerda, a primeira representada pelo SDS e a última representada pela LID, como um exemplo do embate dialético entre tendências democratizantes e tendências aristocráticas. No caso, vendo o SDS como parte das tendências democratizantes e a LID como parte das tendências aristocráticas.

A crítica feita pelo SDS à AFL-CIO – instituição da qual alguns membros compunham também a LID -, de que a última estava se centrando em um grupo específico e perdendo contato com sua ampla base, ocorre por causa da importância dada pela nova esquerda à incorporação do maior número possível de pessoas ao processo democrático de cidadania. Crítica que fazia sentido para os jovens, devido ao princípio de democracia participativa ser um dos principais pilares do SDS. Portanto ao fazer tal crítica, o SDS visava a ampliação da democracia, podendo ser considerado naquele momento de embate com a LID, representante de um movimento de tendência democratizante. A medida que a velha esquerda da LID lida com os jovens de maneira desconfiada, e talvez até mesmo hostil, nem considerando a relevância da crítica realizada, ela acaba se opondo a um movimento de tendência democratizante, dessa forma adotando uma postura de tendência aristocrática.

---

<sup>22</sup> CHOMSKY, Noam. *Requiem for the American Dream: the 10 principles of concentration of wealth & power*, Nova Iorque, Seven Stories Press, 2017.

“[...] there are seeds of rebirth in the “organizational crises” itself: the technologically unemployed, the unorganized white collar men and women, the migrants and farm workers, the unprotected Negroes, the poor, all of whom are isolated now from the power structure of the economy, but who are the potential base for a broader and more forceful unionism.”<sup>23</sup>

O SDS mostra aspecto de força democratizante também ao ressaltar a importância da organização dos pobres à parte das indústrias, pois assim visavam também a inclusão desses cidadãos ao processo democrático – portanto pretendiam ampliar o exercício dos direitos próprios da democracia. Faz o mesmo ao solidarizar-se com os países do denominado terceiro mundo, conjuntamente a dura crítica que fazem a política dos EUA.<sup>24</sup> Ao se solidarizar com o Terceiro Mundo e criticar a política externa dos Estados Unidos, que apoiava ditaduras militares de direita, a nova esquerda do SDS exhibe a ideia de que a ampliação dos direitos democráticos deveria se dar também para fora dos Estados Unidos, no caso para os cidadãos dos países mais pobres. A velha esquerda - ao olhar essas atitudes dos *SDSers* com desconfiança, associando-as a um pensamento autoritário e inconsequente – interpreta de maneira equivocada as posições dos jovens, distorcendo as ideias da nova esquerda. Ao fazer isso, acaba tomando também nessa atitude, o lado das tendências aristocráticas no embate com a nova esquerda.

Analisando a natureza da controvérsia entre o SDS e a LID, penso que, partindo desse recorte, é possível enxergar a dialética trabalhada por Chomsky entre tendências democratizantes e tendências aristocráticas no conflito entre a organização-mãe e sua, a princípio, ala jovem. Observando o conjunto desses dados, pode-se ver talvez até mesmo as divergências entre a totalidade dos grupos da nova e da velha esquerda como um exemplo da dialética referida.

---

<sup>23</sup> HAYDEN, Tom et al. Op. Cit. p. 85.

<sup>24</sup> HAYDEN, Tom et al. Op. Cit.

# O espírito da nova esquerda do SDS personificado na figura de Tom Hayden

## **Início da vida (1939-1957)**

Thomas Emmet Hayden, popularmente conhecido como Tom Hayden, nasceu no seio de uma família católica de ascendência irlandesa em 1939, no estado norte-americano do Michigan. Tom era proveniente de uma típica família que realizava o chamado sonho americano entre as décadas de 1940 e 1950. Sua mãe era bibliotecária e seu pai contador – tendo servido à marinha dos Estados Unidos durante a 2ª Guerra Mundial. Tom, em suas memórias, define seus pais como não muitos ligados à política, nem à religião católica, nem a suas origens irlandesas.

“[...] They took the American dream as their goal and their working lifetimes as the means to achieve it. Their ambition centered not on themselves or on public service, but mainly on their children. [...] My father was an Eisenhower Republican and my mother a Democrat who loved Adlai Stevenson. By nature, they were populists who resented any elites who took advantage of ordinary people, but their feelings were expressed in no public form. Neither religion nor ethnicity were powerful forces to be transmitted to me; their Catholicism was more formal than fervent, and their irish roots were little noted. [...]”<sup>25</sup>

O autor afirma que ao longo de sua infância a política institucional estava distante de sua vida. Ele revela ter sido um garoto que teve alguns problemas com relação à autoridade durante seu período escolar. Tendo também escrito na adolescência um texto

---

<sup>25</sup> HAYDEN, Tom. *Reunion: a memoir*, Random House, Nova Iorque, 1988, p. 6.

no qual apresenta uma visão futura de si mesmo envolto em decepção e infelicidade apesar de uma carreira bem-sucedida.<sup>26</sup> Talvez essas questões demonstrem que apesar de não proveniente de um lar engajado politicamente, a vida tranquila de classe média nos subúrbios norte-americanos nunca tenha atendido totalmente as necessidades de Tom, por mais que na época ele não percebesse isso.

### **Entrada na universidade e começo do ativismo político**

O envolvimento e interesse do autor em questões político-sociais começa a se dar quando ele entra na universidade em 1957. Ao ingressar no curso de Comunicação Social da Universidade de Michigan, localizado no campus da cidade de Ann Harbor, Tom consegue um posto de trabalho no jornal universitário *The Michingan Daily*. É a partir de então que ele desperta para questões político-sociais. Devido a seu serviço no diário, Tom passa a cobrir manifestações estudantis e estabelecer contato com líderes de movimentos sociais progressistas e à esquerda do espectro político. Algumas das pessoas com as quais Tom estabeleceu contato foram; Alan Haber, Sharon Jeffrey e Robert Ross. Colegas de Ann Harbor que tentavam reestruturar a ala estudantil da LID, esta chamada *Students League for Industrial Democracy* (SLID) – passando a se chamar *Students for a Democratic Society* (SDS) a partir da virada da década de 1950 para 1960. Ao contrário de Tom – cuja família não fazia parte de organizações político-sindicais tradicionais -, os outros três estudantes eram provenientes de famílias estabelecidas em antigos movimentos sindicais e de esquerda.

Apesar da simpatia nutrida pelas ideias e pela proposta dos colegas de reestruturar o movimento estudantil de esquerda, a priori Tom não pensava em envolver-se diretamente em nenhum movimento político-social. Pensava que suas reportagens e editoriais progressistas escritas no *The Michingan Daily* – os quais tinha poder para publicar, pois passa a ser editor chefe do jornal em 1960 – já bastavam. Isso muda a partir do verão do último ano da década de 1950.

---

<sup>26</sup> Op. Cit. pp. 1-22.

Em junho de 1960, após o término do semestre letivo, Tom decide deixar Michingan durante as férias. Com o propósito de vivenciar a intensa experiência dos movimentos estudantis da Califórnia e depois participar da Convenção Nacional do Partido Democrata - que teria lugar na cidade de Los Angeles naquele ano – realizando a cobertura para o diário universitário que trabalhava.

Primeiro, ele fica algum tempo na região de São Francisco – onde tem contato com membros dos fortes movimentos estudantis progressistas e de esquerda locais. Lá ele participa de um protesto pelo desarmamento nuclear e em memória das catástrofes resultadas pelas bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Nesse período em São Francisco, Tom aparece pela primeira vez citado em documentos do *Federal Bureau of Investigation* (FBI). O que significa que ele começou a representar algum nível de periculosidade segundo o ponto de vista das entidades do Estado Norte-Americano. No documento referido é enfatizado os fatos; de ter participado no evento pelo desarmamento nuclear; ser editor do *Michingan Daily*; e o evento ser referente ao que chamam de “tema radical”.

“[...] Detroit T-2, who has furnished reliable information in the past, advised in August 1960 that Thomas Hayden, editor of the Michingan “Daily,” was national coordinator of a non-violence movement in connection with Hiroshima and Nagasaki Day activities August 6 and 9 at San Francisco, California...[Hayden] had indicated that there was no official organization connected with this demonstration, but it was radical theme, “No more Hiroshma – Youth Wants Peace.”...”<sup>27</sup>

Posteriormente, segue para Los Angeles para participar da Convenção Nacional do Partido Democrata. Lá ocorre episódios marcantes da trajetória do então estudante. Além de poder se aproximar dos irmãos Kennedy, ele tem a oportunidade de entrevistar Martin Luther King Jr. É demonstrado no trecho transcrito abaixo um certo fascínio pelos discursos e figuras dos irmãos Kennedy. Tom demonstra também um pouco da influência

---

<sup>27</sup> FBI. Documento sobre atividades de Thomas Hayden. 1961. In: HAYDEN, Tom. *Reunion: a memoir*, Random House, Nova Iorque, 1988, p. 34.

do movimento pelos direitos civis dos negros – principalmente na figura de Martin Luther King Jr - em sua vontade de realizar uma atividade de militância político-social. Com isso, já é possível perceber a partir de então, um desejo profundo em Tom de engajar-se em movimentos político-sociais e agir de maneira mais contundente e enfática com relação às questões e problemas da sociedade estadunidense da época.

“I flew to Los Angeles and the Democratic convention [...] quickly adjusted and plunged into the convention events, brashly introducing myself to Robert Kennedy one morning while he was buying newspapers and mints in the hotel lobby. My chief impression was how young he seemed to be (he was thirty-nine) in contrast to my image of politicians. So was his older brother, the nominee, whose New Frontier speech, delivered at sunset in the open-air Memorial Coliseum, stirred me deeply (despite the warnings of my radical friends that Kennedy was phony liberal). [...] My most significant encounter during the convention week was there on the picket line: I interviewed Dr. Martin Luther King Jr. “Ultimately, you have to take a stand with your life,” he told me gently. I felt odd writing the words in my journalist’s notebook. As I left the line, and later as I left Los Angeles, I asked myself why I should be only observing and chronicling this movement instead of participating in it. King was saying that each of us had to be more than neutral and objective, that we had to make a difference. That was something I realized I always wanted to do.”<sup>28</sup>

Mas a viagem ainda não havia acabado após o fim da Convenção Democrata de Los Angeles. Antes de retornar à Michigan, Tom vai a Minnesota, onde ocorreria a conferência nacional da *National Student Association* (NSA) – organização estudantil de alcance nacional a qual congregava desde estudantes de tendências progressistas e de esquerda como Tom, até parcelas de jovens mais conservadores e de direita. Alguns líderes da NSA não eram jovens estudantes, tinham vínculos com órgãos do governo

---

<sup>28</sup> HAYDEN, Tom. Op. Cit. pp. 35-36.

federal e, apesar de não ser informação de conhecimento público na época, foi revelado posteriormente que recebiam verbas da *Central Intelligence Agency* (CIA). Porém, naquele momento muitos jovens estudantes com tendências de esquerda compareceram à conferência nacional da organização estudantil, provavelmente com o intuito de divulgar as experiências e ideias dos movimentos que faziam parte, e tentar angariar possíveis novos interessados em fazer parte desses grupos. Nesse evento Tom teve contato com militantes negros e brancos do *Students Nonviolent Coordinating Committee* (SNCC) – inclusive Sandra Cason<sup>29</sup> – que lutavam nos estados sulistas contra a segregação e pelos direitos civis da população negra. É consagrado então o surgimento do lado de ativista político na vida de Tom.

“[...] the focal point of the Congress, and a key to my own transformation, was the presence of about twenty-five representatives of the Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC), the students fresh from beatings and jail, gathered for a foundation-funded retreat that paralleled the larger meeting. Here were the people I’d been writing about [...] They were in many ways like myself – young, politically innocent, driven by moral values, impatient with their elders, finding authentic purpose through risking their “lives, their fortune, and their sacred honor” – in short, a genuinely revolutionary leadership. [...] They lived on fuller level of feeling than any people I’d ever seen [...] Looking back, this was a key turning point, the moment my political identity began to take shape. [...] Here were the models of charismatic commitment I was seeking – I wanted to live like them.”<sup>30</sup>

Nos últimos trechos citados acima percebe-se a forte influência do movimento sulista pelos direitos civis dos negros no processo de politização de Tom Hayden. Influência que atingiu muitos dos jovens universitários de classe média que começaram a se envolver em questões político-sociais durante os longos anos 1960 devido a esta luta

---

<sup>29</sup> Estudante e militante do SNCC no campus de Austin da Universidade do Texas que viria a ser a primeira esposa de Tom Hayden.

<sup>30</sup> HAYDEN, Tom. Op. Cit. pp. 39-40.

– o qual acabou formando diversos aliados no Norte à medida que foi ganhado visibilidade. A admiração pela luta dos manifestantes sulistas levou-o a querer tornar-se um *Freedom Rider*. O que em parte conseguiu, ao ser promovido em 1961 a secretário de campo no Sul da nascente organização do SDS. No Sul viveu em Atlanta e participou de protestos pelos direitos civis em regiões rurais dos estados da Georgia e do Mississippi – lá conheceu Bob Moses<sup>31</sup> –, onde foi preso, espancado e iniciou, ainda na cadeia, os primeiros rascunhos do que viria a ser o Manifesto de Port Huron. A transcrição abaixo tenta resumir o sentimento que impulsionava Tom, e como ele muitos outros cidadãos estadunidenses, a se arriscarem no Sul dos Estados Unidos em prol dos direitos dos negros e contra a segregação vigente na maior parte da região.

“To those who did not pass through the southern civil rights experience, willfully going to jail may seem like a career-threatening act of despair. It was not. It was both a necessary moral act and a rite of passage into serious commitment. For individuals to break through the veil of fear that held people back from directly confronting the wall of segregation itself required raw courage and philosophical commitment. The possibility of violence, even death, was omnipresent. Entering jail meant achieving a personal freedom from fear. Once there, a spirit of intense solidarity, concern for others, singing and storytelling, and deep reflection bonded people into a stronger community. [...]”<sup>32</sup>

Como pode-se notar, o começo da trajetória de Tom como ativista político teve como um dos estopins o movimento pelos direitos civis dos negros. Muitos dos jovens universitários de classe média dos Estados Unidos no período começaram a pensar criticamente e se envolver com questões e movimentos político-sociais devido à luta pelos direitos civis dos negros. Assim, a história de Tom está em compasso com a trajetória de muitos outros estadunidenses de esquerda, que se politizaram na época dando origem à Nova Esquerda.

---

<sup>31</sup> Importante líder do movimento negro estadunidense e que viria a ser indiciado pelos protestos de 1968 em Chicago junto com Tom e outros.

<sup>32</sup> HAYDEN, Tom. Op. Cit. p. 70

## O Manifesto de Port Huron e os embates com a velha esquerda

Em 1962, Alan Haber, Tom e outros fundadores principais do SDS, começam a planejar pôr em prática a ideia de organizar um grande encontro que reuniria diversos jovens de todo o país interessados em fazer parte do movimento que estava nascendo. O intuito do evento era divulgar e aprovar e/ou modificar o rascunho escrito por Tom que viria a ser o regimento que guiaria a nova organização. Eles conseguem um local para sediar o acontecimento na cidade de Port Huron, espaço pertencente à *American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations* (AFL-CIO) com a ajuda de Mildred Jeffrey – mãe da fundadora do SDS Sheron Jeffrey e componente da instituição da velha esquerda. “[...] Sharon Jeffrey’s mother, Millie, secured a retreat site belonging to the Michingan AFL-CIO near the small town of Port Huron, ninety minutes’ drive north of Detroit on Lake Huron’s shores.”<sup>33</sup> O evento ocorre em junho de 1962, no espaço cedido pela AFL-CIO.

No encontro de Port Huron estavam presentes algumas dezenas de estudantes universitários com interesse de compor o SDS, e membros de outras organizações que participavam do evento como convidados, alguns apenas como ouvintes. Uma das primeiras tensões entre os jovens fundadores do SDS e a velha esquerda da LID presente no evento, se deu devido à presença de Jim Hawley no local. O jovem de dezoito anos era representante de uma ala jovem do *Communist Party of the USA* (CPUSA). Para os componentes da velha esquerda – com sua forte influência trotskista -, qualquer vinculação à URSS e as organizações próximas desta era sinônimo de simpatia e proximidade com o autoritarismo associado ao Kremlin.

“To make matters worse, this open and nonconfrontational ethos had allowed us to seat as a nonvoting observer one Jim Hawley, an eighteen-year-old representative of something called the Progressive

---

<sup>33</sup> HAYDEN, Tom. Op. Cit. p. 83.

Youth Organizing Committee (PYOC), a front group for the Communist Party. He left the next day, but not before Harrington and Slaiman relived their ideological wars with communism.”<sup>34</sup>

No trecho transcrito acima, Tom demonstra que, apesar dos mais velhos não verem com bons olhos, a iniciativa de tentar criar diálogo com vários grupos – mesmo com o CPUSA, sendo este associado à União Soviética - se dava pelo aspecto aberto e de não confrontação da nova esquerda do SDS. Em suas memórias o ativista escreve sobre a tradição de debates, rupturas e rivalidades entre vertentes que permeava a velha esquerda. Argumenta que ele próprio e o espírito da nova esquerda *SDSer* naquele momento não estavam inclinados à disputa de vertentes, de certa forma atribuindo à velha esquerda – com seu suposto dogmatismo sectário - a parcela de culpa pela geração de discórdia. A exemplo de Tom, outros jovens da nova esquerda ali presentes, deviam pensar da mesma maneira sobre o jeito que a velha esquerda reagiu a presença de Jim Hawley no evento. Pois o CPUSA – como praticamente todas as organizações ligadas à União Soviética nos Estados Unidos - tinha relativamente pouca representatividade, e havia sido em grande parte desarticulado pela perseguição mccarthyista da virada da década de 1940 para 1950. Com isso os *SDSers* argumentavam que não havia risco concreto de interferência para influenciar outras organizações de esquerda nos Estados Unidos.

“Sectarianism, the incestuous infighting among left-wing groups and intellectuals over doctrine, has roots going back to the beginning of the Left itself. [...] Those of us entering SDS from non-political backgrounds found this atmosphere amusing, obscure and irrelevant, like fervent religious sects poring over catechism or the Torah. I could not understand how seemingly serious people could get so enmeshed in such endlessly divisive hair-splitting debates. [...] there was na organizational

---

<sup>34</sup> Op. Cit. p. 90.

spirit to sectarianism that was opposite poles to what our New Left was about.”<sup>35</sup>

A questão da presença no evento de um representante de um grupo vinculado ao CPUSA, e conseqüentemente ligado à URSS, bateu em outro ponto de discordância entre as duas gerações das esquerdas; a questão da insistência da velha esquerda em afirmar-se “anticomunista”. Como demonstrado no trecho transcrito abaixo, a velha esquerda da LID dava bastante importância à negação da URSS. E, na figura de Michael Harrington e outros, a LID não gostou nem aprovou o que tinha lido no rascunho do que viria a ser o Manifesto de Port Huron. Harrington achou que não estava sendo dada suficiente ênfase aos defeitos do Estado Soviético, e viu negativamente a crítica feita a política externa norte-americana. Além disso, Tom revela que Harrington se sentiu ofendido pela crítica direta feita à alguns setores da esquerda, vistos pela nova esquerda representada pelo primeiro como dogmáticos.

“Harrington went to Port Huron as the key LID liaison and observer of what SDS was up to and, as he read my draft of *The Port Huron statement*, became incensed at my deviations from the LID correct line. First, he found the section on the Soviet Union, always the first doctrinal litmus test, insufficiently hard line. [...] I then went on to question whether American military policies had been truly effective in deterring communist-led revolutions or whether they had imposed right-wing, antidemocratic military dictatorships, which were themselves spawning the conditions of communist revolt. [...] Harrington was offended by the statement [...] I specially singled out members of the Left for throwing “unreasoning epithets” at each other.”<sup>36</sup>

Tom, como a nova esquerda que nascia naquele momento, não via sentido na necessidade de negar tão veementemente o comunismo soviético, como os mais velhos

---

<sup>35</sup> HAYDEN, Tom. Op. Cit. pp. 86-87.

<sup>36</sup> HAYDEN, Tom. Op. Cit. p. 89.

insistiam. Para os mais velhos, por sua vez, a negação dos jovens a serem anticomunistas reforçava a ideia de que a nova geração de esquerda nutria uma simpatia pelo autoritarismo vinculado à URSS. Ideia que foi reforçada pela crítica feita pela nova esquerda do SDS a aspectos da política externa de Washington. Essa crítica à política externa estadunidense resultaria na solidariedade dos *SDSers* com os povos do Terceiro Mundo, e levaria muitos membros do grupo a se tornarem adeptos do movimento contra a Guerra do Vietnã posteriormente. Tom se tornaria um dos mais conhecidos líderes desse movimento contra a guerra no país do sudeste asiático – o que o levaria a fazer algumas viagens à então nação socialista do Vietnã do Norte. No trecho transcrito abaixo Tom fala de suas impressões iniciais do país da Indochina, que visitou em 1965 pela primeira vez.

“First impressions are very important to me, and the dawning sense I had that day in Hanoi was of fearlessness, calm determination, pride, even serenity. If the buildings were drab, the people’s faces were not. They showed curiosity, sentimentalism, directness, gentleness, dignity. They were not faces I associated with a communist city. [...] Though I was fast succumbing to a romantic conception of the Vietnamese I met, my views of revolution and violence were still forming. [...] I was seeing with my own eyes that these were human beings before me, many of them inspired (and inspiring) because of their revolutionary experience.”<sup>37</sup>

Ao analisar a transcrição não é perceptível simpatia pela URSS, nem defesa de nenhum tipo de violência ou autoritarismo – ideias associadas aos jovens da nova esquerda por seus pares mais velhos -, mesmo Tom e o SDS estando basicamente desvinculados da LID na época da viagem referida, não devendo satisfações à organização-mãe. E apesar do autor escrever suas memórias décadas posteriormente, ele reconhece um certo romantismo de sua parte com relação ao país asiático na época de sua primeira visita a este, mesmo assim lembra também que procurava assumir determinadas críticas à nação socialista.

---

<sup>37</sup> HAYDEN, Tom. Op. Cit. p. 184.

Sobre a suposta simpatia da nova esquerda por regimes autoritários vinculados à Moscou – um ponto de preocupação nutrido pela velha esquerda já desde o momento que foi notada a presença de Jim Hawley no encontro de Port Huron -, Tom admite certa identificação já no início da década de 1960 com o Regime Cubano e seus líderes. Segundo ele, essa identificação foi criada principalmente com o reforço da figura de Charles Wright Mills, sobre quem Tom escreveu seu trabalho de conclusão de curso universitário. O citado sociólogo norte-americano foi um dos principais defensores da Cuba revolucionária castrista nos EUA, e um dos autores com maior influência sobre a Nova Esquerda. Mais tarde, no ano de 1968, Tom viajaria à Havana pela primeira vez e se encontraria com Fidel Castro. Na época dessa viagem a ruptura definitiva entre o SDS e a LID já havia acontecido há alguns anos, e a primeira vivia um momento distinto na sua história. Tom já não integrava o núcleo de liderança da organização nova-esquerdista.

Assim como ele, muitos outros jovens que compunham a nova esquerda do SDS haviam lido as obras de Charles W. Mills e haviam visitado Cuba, ou viriam a visitar posteriormente, em expedições àquele país organizadas por movimentos da nova esquerda. O SDS figura entre os grupos que organizaram algumas dessas expedições.<sup>38</sup> Portanto, como Tom, os jovens da nova esquerda em geral, deviam nutrir certo apreso por Cuba, sua revolução e seus líderes revolucionários – que eram majoritariamente jovens estudantes de classe média, como os componentes do SDS, quando protagonizaram a Revolução Cubana.

Quanto a simpatia por outro país sob influência do bloco soviético, como por exemplo o Vietnã do Norte, Tom deixa transparecer que era praticamente inexistente na época do encontro de Port Huron – o momento inicial de embate com a velha esquerda levando-se em consideração a narrativa memorialística do autor. Como não havia ocorrido a escalada na intervenção norte-americana na região, o conflito ainda não tinha ganhado notoriedade entre os cidadãos estadunidenses. Portanto é compreensível que os *SDSers* não tivessem o país asiático tanto em mente.

Outra questão que, segundo as memórias de Tom ofendeu a velha esquerda, principalmente na figura de Don Slaiman – membro da AFL-CIO –, foi a crítica feita pelos jovens às organizações sindicais. O que para Tom foi uma crítica menor, apenas à

---

<sup>38</sup> Sobre a relação de Tom Hayden, e da nova esquerda em geral, com o Estado Cubano e o governo Castro ver: HAYDEN, Tom. *Listen, Yankee! Why Cuba Matters*. Seven Stories, Nova Iorque, 2015.

burocratização dos órgãos de representação dos trabalhadores, não deixando de ser reconhecida a importância dessas instituições para a construção de uma democracia mais ampla no território estadunidense.

“While criticizing business for its attacks on labor and supporting new organizing drives among the unorganized, I wrote that “labor has succumbed to institutionalization, its social idealism waning under the tendencies of bureaucracy, materialism, business ethics...The successes of the last generation perhaps have braked, rather than accelerated, labor’s zeal for change” [...] While those were the only criticisms of the AFL-CIO [...] they were enough to bring Harrington and his allies into the Port Huron setting full of defensive anger.”<sup>39</sup>

Para os membros da LID, a crítica que os jovens faziam às organizações trabalhistas feria a ideia que o protagonismo dos movimentos de esquerda deveria ser da classe trabalhadora industrial e empregada formalmente, organizada em suas respectivas representações tradicionais - ou o proletariado organizado, ao ser feito uso da expressão marxista clássica. Segundo essa ideia era dever dos sindicatos – representação tradicional da classe trabalhadora – protagonizar as lutas pelos direitos do operariado, e isso levaria conseqüentemente à emancipação das opressões de toda sociedade. Sob o ponto de vista da velha esquerda, ao criticar as organizações sindicais e se negar a ser anticomunista, a nova esquerda do SDS se aproximava perigosamente de uma forma inconsequente de autoritarismo.

“Behind the arguments over communism, Harrington and Slaiman were much too invested in defending the American labor movement. They were true believers in the “labor metaphysic” Mills had described, the sacrosanct doctrine that organized labor was the only genuine agency of change and could not be faulted, least of all by a bunch of neophyte students. No one had a right to question labor’s leadership on every social

---

<sup>39</sup> HAYDEN, Tom. *Reunion: a memoir*. Op. Cit. p. 89.

issue of the time. And none of us had a right to question the anticommunist priority that had been axiomatic in the liberal-labor community for the past generation. [...]"<sup>40</sup>

Os jovens estavam imersos numa época que as organizações trabalhistas e o próprio operariado tradicional tendia a diminuir em número e importância política, devido à sensação estagnação no crescimento e na expansão das indústrias em muitos países<sup>41</sup>. Portanto, para os jovens *SDSers* da nova esquerda não fazia sentido a importância demasiada dada pela antiga geração aos sindicatos e representações operárias tradicionais – o que não significa que ignorassem a importância dos sindicatos e organizações trabalhistas para a transformação das estruturas sociais. Segundo o ponto de vista da nova geração de esquerda dos longos anos 1960, as organizações de minorias e indivíduos economicamente precários - normalmente subestimados pela velha esquerda - demonstravam uma possibilidade de transformação social muito mais promissora.

“[...] the technologically unemployed, the unorganized white collar men and women, the migrants and farm workers, the unprotected Negroes, the poor, all of whom are isolated now from the power structure of the economy, [...] are the potential base for a broader and more forceful unionism.”<sup>42</sup>

Ao analisar o Manifesto de Port Huron, percebe-se que os jovens do SDS tinham ideia que a precarização da sociedade norte-americana aumentaria cada vez mais, o que pensavam que levaria ao crescimento do chamado lumpemproletariado – nomenclatura empregada pelo marxismo clássico - na sociedade dos EUA. Eles se davam conta de que as classes pobres não componentes do proletariado industrial, teriam futuramente maior

---

<sup>40</sup> HAYDEN, Tom. Op. Cit. p. 90.

<sup>41</sup> Sobre as indústrias na época ver: HOBSBAWM, Eric. *The Age of Extremes: A History of the World (1914-1991)*, Vintage Books, Nova Iorque, cap. 10-11, pp. 287-343, 1996.

<sup>42</sup> HAYDEN, Tom et al. *The Port Huron Statement: The Visionary Call of the 1960s Revolution*. Thunder's Mouth Press, Nova Iorque, 2005, p. 85.

poder de influenciar decisões – devido a ideia de que se tornariam maioria da população - e, por isso, teriam maior potencial e probabilidade de serem protagonistas de uma transformação social estrutural. Daí a importância dada pela nova esquerda do SDS às organizações subalternas mais precárias, em detrimento dos sindicatos e organizações operárias.

Tom, consciente da realidade social da época que vivia, via com extrema importância a organização das pessoas, principalmente pobres, à parte do proletariado industrial. O maior exemplo disso foi o debate travado com Alan Haber posteriormente, em 1963, sobre a natureza e se o SDS devia começar a investir no *Economic Research and action Project* (ERAP)<sup>43</sup> – no qual Tom foi forte defensor da aplicação do projeto. Este consistiu num projeto de inserção de membros do SDS em comunidades pobres que visava tentar organizar politicamente as mesmas. Tom se dedicou a esse projeto do SDS durante cerca de três anos e meio (1964-1967). Período que viveu – devido ao ERAP – em um bairro negro e pobre na cidade de Newark, no estado norte-americano de Nova Jersey.

“On a sweltering day in July 1964 [...] I stepped out of a car after an all-night drive from Ann Arbor and found myself looking for the first time at the black ghetto of Newark [...] I had arrived on this Newark street corner as part of a new and unprecedented event in the history of American students: the migration of hundreds, and ultimately thousands, into organizing projects in impoverished communities [...]”<sup>44</sup>

Todas essas questões divergentes levaram, além do extremo mal-estar no momento do encontro, à ruptura definitiva entre a LID e o SDS alguns anos mais tarde. As discordâncias no evento de Port Huron foram a causa do início e o ponto determinante da ruptura entre as duas gerações de esquerda, fato que se completaria definitivamente em 1965. A velha esquerda deixou o encontro às margens do Lago Michigan

---

<sup>43</sup> Sobre o ERAP ver: FROST, Jennifer. *An Interracial Movement of the Poor: Community Organizing and the New Left in the 1960s*, New York University Press, Nova Iorque, 2001.

<sup>44</sup> HAYDEN, Tom. *Reunion: a memoir*. Op. Cit. pp. 123-124.

praticamente da forma descrita por Irving Howe – componente da velha esquerda próximo a Michael Harrington - após uma reunião com Tom: “convencido de que alguns venenos autoritários deste século haviam penetrado nas profundezas de sua mente [no caso se referindo a Tom Hayden].”<sup>45</sup> Esse pensamento da velha esquerda sobre Tom no início da década de 1960, pode ser considerado o pensamento da antiga geração da LID sobre a nova esquerda do SDS.

Os líderes do SDS tiveram confiscadas, após o ocorrido no Michingan, as salas que usavam como escritório na sede da LID em Nova Iorque – tendo as lideranças da LID trocado as fechaduras do recinto. E também foram convocados para uma reunião em um tom inquisitório com a cúpula de sua organização-mãe.<sup>46</sup>

“[...] In the short run, after the Port Huron convention, Haber and I were suspended from our posts. It was the second time for Al. [...] This time, we were called to defend ourselves before the LID board with Harrington as the accuser. [...] Within months, however, our positions were restored through the intervention of principled individuals [...] Never again, though, would we feel attached to the LID or its tradition, and three years later SDS divorced itself altogether. Meanwhile, Mike Harrington was transformed in our minds from an important role model to a negative one. [...] The political damage to those of us in SDS was severe. As a formative experience, we learned a distrust and hostility toward the very people we were closest historically, the representatives of the liberal and labor organizations who had once been young radicals themselves. We who had enough trouble gaining acceptance from our real parents were now rejected by our political father figures. What was at stake was not ideology, but basic trust from one generation to the next. [...]”<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> HOWE, Irving. Apud: SOUSA, Rodrigo Farias. *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*, FGV, Rio de Janeiro, 2009, p. 119.

<sup>46</sup> SOUSA, Rodrigo Farias. Op. Cit. pp. 110-122.

<sup>47</sup> HAYDEN, Tom. *Reunion: a memoir*. Op. Cit. p. 90-91.

Apesar de Tom dar menos ênfase em suas memórias ao aspecto desagradável e constrangedor que outros autores que escreveram sobre o evento – argumentando ter sido questões que foram resolvidas dentro de meses -, pode-se ter um vislumbre do tamanho do impacto que aquele momento teve sobre os jovens da nova esquerda do SDS através do trecho transcrito acima. Tom, ao tentar diminuir o máximo possível o trauma daquela situação na escrita de suas memórias, preferiu não mexer em antigas feridas. Provavelmente por ter escrito já em outra época, mais especificamente em finais da década de 1980; e os componentes da velha esquerda que ainda eram vivos estarem no mesmo lado que ele do espectro político. Na época, Tom ocupava um cargo importante na política institucional pelo estado da Califórnia, não era positivo a possível divisão de seu eleitorado. Mas é possível notar a dor que sentiu, no então já distante ano de 1962, ao despertar a desconfiança da velha esquerda - principalmente na figura de Michael Harrington, quem Tom tinha meio como uma figura paterna.

Naquele momento em meados de 1962, na cidade industrial de Port Huron, às margens do Lago Michigan, se deu basicamente uma ruptura de identificação entre as duas gerações de esquerda. Os jovens *SDSers* da nova esquerda passam a identificar-se como distintos, e talvez até opostos, de seus pares mais velhos da LID e de outros grupos da velha esquerda.

Partindo da ideia elaborada por Noam Chomsky em *Requiem for the American Dream*<sup>48</sup> - que a história da sociedade norte-americana se desenvolve a partir da dialética entre tendências democratizantes e tendências aristocráticas -, pode-se pensar a trajetória de Tom como símbolo das tendências democratizantes que teriam prevalecido na esfera político-social durante os longos anos 1960. É possível seguir essa linha de raciocínio tendo-se em mente que Tom contestava a ideia de que o proletariado industrial e suas respectivas organizações seriam os únicos protagonistas do processo de transformação social e ampliação democrática; e defendia a possibilidade de inserção das camadas sociais pobres não-operárias na luta pela transformação social e por direitos, pensando esse grupo como agente primordial para a luta pela ampliação democrática. Independentemente dessas camadas sociais pobres não-operárias significarem desempregados ou subempregados estadunidenses, ou camponeses habitantes dos países

---

<sup>48</sup> CHOMSKY, Noam. *Requiem for the American Dream: the 10 principles of concentration of wealth & power*, Nova Iorque, Seven Stories Press, 2017.

do Terceiro Mundo. Por defenderem essas ideias, Tom e a nova esquerda do SDS, foram também criadores e promotores da “Democracia Participativa” – esta consistindo no pensamento de que todos devem, tanto quanto possível, se auto representar politicamente de maneira direta no sistema democrático.

Como percebe-se, a história de Tom Hayden se confunde com a história do SDS, da nova esquerda dos longos anos 1960, e das esquerdas americanas. Muitas vezes, as posições tomadas por ele e por quem pensava de maneira semelhante ditava os rumos que movimentos, grupos e organizações seguiam. Tom foi um dos fundadores do SDS, umas das organizações mais simbólicas da nova esquerda estadunidense; foi redator principal do Manifesto de Port Huron, um documento que é símbolo do espírito da esquerda dos longos anos 1960; e foi eleito presidente do grupo entre 1962 e 1963. Tendo tudo isso em vista, pode-se afirmar que Tom Hayden era ao mesmo tempo representante em pessoa e fruto do etos contestatório dos longos anos 1960.

## Conclusão

A velha esquerda foi bastante moldada pela perseguição mccarthyista, situação a qual a LID e outros grupos responderam com a necessidade de reafirmar seus valores e lealdade às instituições democrático-liberais norte-americanas. Além disso, a LID e organizações próximas a esta eram herdeiras de uma forte tradição trotskista, tendo seus membros sido formados majoritariamente sob uma tradição teórica marxista mais ortodoxa.

Os jovens da nova esquerda foram formados por sua vez no contexto contestatório e de grande transformação social dos longos anos 1960 – no qual algumas interpretações marxistas ortodoxas não faziam mais sentido. No caso do SDS muitos membros, como Tom Hayden, tendo uma trajetória de início de envolvimento político na luta pelos direitos civis e contra a segregação dos negros nos estados sulistas. Uma história de contestação direta à determinadas instituições do Estado Norte-Americano.

Enquanto a antiga geração tinha como valor básico buscar sempre demonstrar sua fidelidade às instituições democrático-liberais estadunidenses, a nova geração representada por Tom Hayden e o SDS foi majoritariamente formada politicamente contestando essas mesmas instituições que a velha esquerda tinha como princípio de base mostrar lealdade. Portanto as duas gerações tiveram formações muito distintas, o que levou cada uma a pensar a sociedade, as esquerdas e suas prioridades de maneira também bastante diferente. Sendo assim era quase inevitável que não ocorresse embate em torno de algumas questões.

A partir da pesquisa realizada pode-se afirmar que houve um embate e posteriormente uma ruptura de caráter geracional entre a LID – grupo da velha esquerda – e o SDS – organização símbolo da nova esquerda. Esse conflito se deu em torno de diversas características divergentes entre as duas gerações das esquerdas, questões que se referiam à valores e ideias básicas dos dois grupos devido à suas respectivas formações distintas. Formações essas que foram influenciadas por questões típicas de épocas específicas nas quais os dois grupos tiveram suas estruturas moldadas.

Pensando segundo a teoria de Noam Chomsky e tendo em mente a natureza do embate e as questões determinantes que levaram à ruptura entre o SDS e a LID - o que

foi analisado ao longo do trabalho – pode-se dizer que o conflito geracional entre os dois grupos de esquerda representou um caso da dialética entre tendências democratizantes e tendências aristocráticas.

Utilizando a teoria de Noam Chomsky talvez possa-se pensar também outros casos de embate e ruptura em outros grupos de esquerda das Américas nos longos anos 1960. Como por exemplo o caso do conflito entre a *Conducción Nacional* do grupo *Montoneros* e a velha guarda peronista na Argentina; e no Brasil o conflito entre a Dissidência Comunista Estudantil da Guanabara (DI-GB) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB), ou “partidão” como os mais próximos chamavam carinhosamente.

## **Bibliografia**

- BRADBURY, Malcolm. TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos Estudos Americanos*, Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1981.
- CHOMSKY, Noam. *Requiem for the American Dream: the 10 principles of concentration of wealth & power*, Nova Iorque, Seven Stories Press, 2017.
- DOBBS, Michael. *Seis Meses em 1945: Roosevelt, Stálin, Churchill e Truman da Segunda Guerra à Guerra Fria*, Companhia das Letras, São Paulo, 2012.
- FROST, Jennifer. *An Interracial Movement of the Poor: Community Organizing and the New Left in the 1960s*, New York University Press, Nova Iorque, 2001.
- GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005.
- GRANT, Susan-Mary. *História Concisa dos Estados Unidos da América*, Edipro, São Paulo, 2014.
- HAYDEN, Thomas. *Listen, Yankee! Why Cuba Matters*. Seven Stories, Nova Iorque, 2015.
- HOBSBAWM, Eric. *The Age of Extremes: A History of the World (1914-1991)*, Vintage Books, Nova Iorque, caps. 10-11, pp. 287-343, 1996.
- KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*, Contexto, São Paulo, 2008.
- KAZIN, Michael. *American Dreamers: How the Left Changed a Nation*, Vintage Books, Nova Iorque, 2011.
- LIMONCIC, Flávio. *Os Inventores do New Deal. Estado e sindicato nos Estados Unidos dos anos 1930*, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- PAMPLONA, Marco A. *Revendo o sonho americano: 1890-1972*, Atual, São Paulo, 1996.
- SOUSA, Rodrigo Farias. *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*, FGV, Rio de Janeiro, 2009.

-VAN GOSSE. *Rethinking the New Left: An Interpretative History*, Palgrave Macmillan, Nova Iorque, 2005.

-VIZENTINI, Paulo F. “A Guerra Fria”, in: REIS, Daniel Aarão. FERREIRA, Jorge. ZENHA, Celeste. (org.) *O Século XX: O Tempo das Crises*, vol. 2, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000, pp. 195-225.

## **Fontes**

HAYDEN, Tom et al. *The Port Huron Statement: The Visionary Call of the 1960s Revolution*, Thunder’s Mouth Press, Nova Iorque, 2005.

HAYDEN, Tom. *Reunion: a memoir*, Random House, Nova Iorque, 1988.

HOWE, Irving. *A Margin of Hope: An intelectual autobiography* apud: SOUSA, Rodrigo Farias. *A Nova Esquerda Americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969)*, FGV, Rio de Janeiro, 2009.